

EPFCL - Jornada de Cartéis Sul / 2019

Glauco Luciano Machado
FCL-Curitiba

Curitiba, 02 de dezembro de 2019

Neste momento em que escrevo, me ocorre mais imaginar-me diante de pares e colegas para descrever um pouco do que ficou para mim do período em que lemos o Seminário IV - A Relação de Objeto durante o final de 2017 até meados de 2019. E o que ficou não foi muito da asserção fundamental de que o objeto é algo que falta, antes de ser algo que completa. Também não foi muito da dinâmica da tríade privação-frustração-castração, seus agentes e danos no plano Real, Simbólico e Imaginário. Talvez uma lembrança ou outra do quanto o menininho Hans e sua história foram importantes para desvendar as sutilezas do deslizamento possível ou necessário ao objeto, assim como rastros de sinais de seu pai muito preocupado e amoroso mas, ainda assim, pouco operante. E o que dizer de sua mãe? Acolhedora? Leniente? Também lembro-me vagamente de que o urubu dos sonhos de Leonardo da Vinci talvez fosse um milhafre.

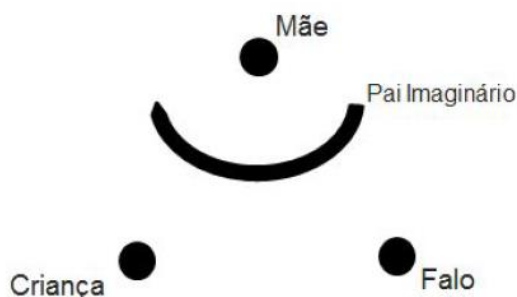
Mais que tudo isso, foi um tempo de compartilhar um pouco do incômodo que nos ocorria com o que o cenário político provocava, não nas instituições ou partidos, mas no universo particular de cada um. A cada encontro tínhamos para compartilhar um novo episódio de conflito doméstico ou de acirramento de ânimos em algum ambiente público, e por detrás disso tudo fomos vendo se armar algo como uma infantilização geral, uma regressão narcísica sistemática com a progressiva eliminação da dúvida e a construção de uma fantasia paranoide ampla o bastante para ensejar identificações extremistas dignas de obscurantismo do século XIX. Trocávamos notícias e histórias que nos deixavam boquiabertos e de olhos arregalados ao constatar que, contra tudo o que foi construído nas últimas décadas relativo ao respeito às diferenças e ao reconhecimento de reivindicações de grupos que buscam construir o seu espaço, o seu discurso, eis que testemunhávamos, juntos, a progressiva legitimação da intolerância e da intransigência.

Muitas vezes, antes de iniciarmos nossas leituras acontecia de um de nós trazer um caso novo: “você viram?”. E lá vinha mais um golpe de discurso do mestre apoiado em um simulacro de discurso universitário - ou vice-versa. Certezas equivocadas e enterradas há séculos por bons coveiros como Charles Darwin ou Nicolau Copérnico ressuscitavam a olhos vistos e, estupefatos, ficávamos imaginando o que ainda viria por aí. E veio... Afinal, hoje sabemos que menina veste rosa e menino veste azul, que o nazismo está baseado no comunismo, que os peixes são inteligentes e evitam o óleo derramado, que o desmatamento amazônico não é um problema (talvez seja solução) e que o rock é um vetor de satanismo e serve à indústria do aborto. E tudo isso com Deus por cima de todos.

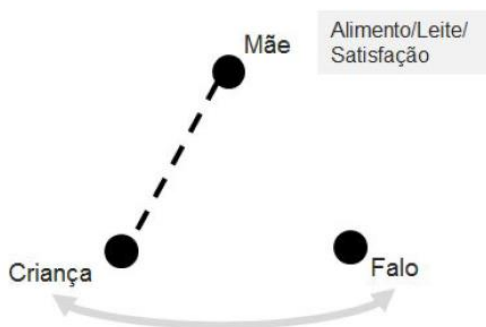
Vimos ir-se espremendo o espaço negocial entre as pessoas com a desconstituição, deslegitimação, chegando à hostilização do outro. E assim víamos a alteridade – costume pensar, e até dizer, que somos os guardiões da alteridade - tornar-se um conceito anacrônico, deslocado ou até mesmo indesejável.

O que se manifestava como estupefação, portanto, era a constatação de que alçava-se ao poder - um local imaginário de referência às identificações de uma população - um grupo que brandia um sinal que significava essencialmente o fim da negociação, a abdicação da argumentação, a irrelevância do discurso. Em última instância, a própria irrelevância do outro. Afinal, por trás de toda arminha está a postura de que sou temível; mais ainda, sou ameaçador, sou capaz e estou disposto a reagir com força letal ao que vier a me afetar.

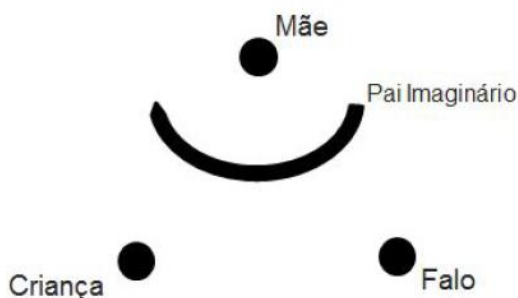
Mas eis que cabe uma reflexão, talvez original, sobre o esquema fundamental Privação-Frustração-Castração que gostaria de compartilhar com os colegas neste momento, pois me ajudou de diversas maneiras. E eu o proponho a partir da tríade imaginária apresentada na p. 28:



No início da vida da nova Criança, a sua relação com a Mãe é fundada em um par de interesses que se pode resumir em a Mãe considerando a Criança como uma unidade identificada ao falo - objeto simbólico, portanto, na medida em que fala disso - e Criança considerando a Mãe como a provedora de sua satisfação real - identificada ao alimento. Em uma nova representação, teríamos o seguinte:



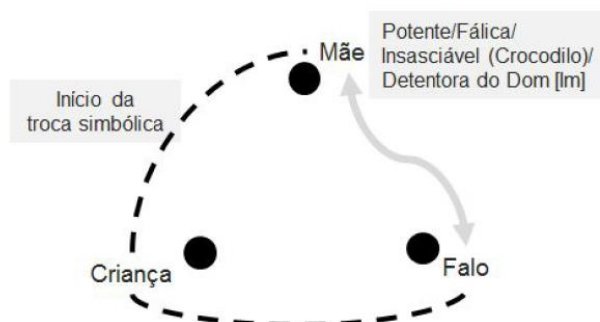
Um primeiro movimento relacionado à alternância presença-ausência da Mãe, em sua acepção de não-toda, produz o que chamamos de Privação: a Mãe privada de seu bebê-falo e a Criança privada de sua Mãe-Satisfação.



Estabelece-se, com isso, o corte entre Mãe e Criança, pelo Pai Imaginário, produzido a partir da alternância presença-ausência da Mãe. Ou seja, como nos diz o verbete do Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon: "a falta real de um objeto simbólico", provocada por um agente imaginário - a função paterna. Este corte inaugura para a criança a possibilidade da falta, preparando-a para as outras fases desta construção dialética. Afinal estamos ainda falando de um bebê que, embora imerso em linguagem,

ainda tem limitações para colocar-se no discurso. Interessante perceber, no esquema, que o centro do corte - a ponta seca do nosso compasso - está na Mãe, que é quem cria o pai e promove (ou não [!]) de fato o corte imaginário. Destaque-se, ainda, Criança e Falo do outro lado do corte, reforçando a relação de identificação que têm para a Mãe.

Com o avanço do desenvolvimento da Criança, considera-se uma nova situação, representada abaixo:

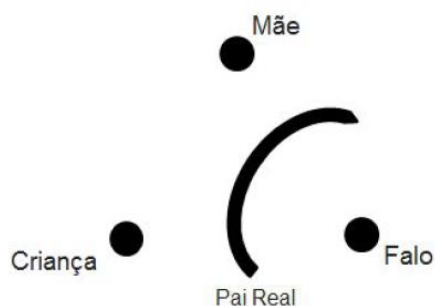


Temos agora na Frustração uma fase cuja compreensão fica bem mais complexa, pois a Criança, não mais um bebê, interage e coloca-se na dinâmica de trocas através do discurso com expressões simples de suas demandas. De outro lado, a Mãe (e o mundo) responde(m) com atitudes e palavras - principalmente com o precioso “não”, que, se não satisfaz a demanda, reconhece o desejo. A Mãe, agora vista pela Criança como potente, fálica, insaciável, é ainda detentora não só do alimento (leite) mas do dom - aquilo que completa, que preenche, que satisfaz, que brilha. Em busca do dom, a Criança procura se colocar (ou se manter) como um simulacro, um engodo, do falo para a Mãe para ser merecedora do dom e evitar que sua bocarra de crocodilo se feche. Mas o que já está perdido se impõe e a concretização ideal/imaginária da satisfação, do completamento, não ocorre e eis aí a frustração. O menino percebe a Mãe “não-toda” e a menina, frustrada, ressent-se de que a Mãe não lhe deu o dom (o pênis). E aí cabem defesas e fenômenos amplos e variados: um fetiche que permita a convicção de uma Mãe “toda” ou a constituição de um objeto fóbico que representa que nada posso contra isso que é muito potente e, ao mesmo tempo, muito frágil e impotente.



Neste esquema, portanto, “a falta imaginária de um objeto real” é provocada por um agente simbólico. Temos o corte realizado pelo agente Mãe Simbólica (Outro) que separa a criança do ideal da Mãe potente e fálica através das palavras (do “não”, principalmente) e que a frustra na sua busca ilusória de ser o falo. Perceba-se a Mãe e o Falo no lado oposto ao corte, indicando a sua identificação pressuposta pela Criança - centro a partir de onde o corte se opera.

Avançamos para uma nova fase, a Castração, representada abaixo:



De forma resumida, “a falta simbólica de um objeto imaginário” provocada por um agente real. Ou seja, o Pai Real provoca o corte que transforma o falo em um objeto simbólico e cuja perda é compartilhada por Mãe e Criança, que se encontram do mesmo lado do corte, identificados agora, ambos, como sujeitos castrados. Eis, portanto, que a nossa Criança se torna uma “gentinha”.

Com esta forma de pensar, consegui dar um novo significado, mais didático e visual, para o quadro da p. 220, bastante famoso e utilizado em diversas publicações.

AGENTE	FALTA DE OBJETO	OBJETO
Pai real	Castração	Imaginário
Mãe simbólica	Frustração	Real
Pai imaginário	Privação	Simbólico

O que me ocorre no momento, entretanto, é retornar à questão relacionada aos fatos que destaquei nos moverem bastante durante os primeiros momentos de nossos encontros de cartel para demarcar a conclusão sobre a hipótese de uma fixação do atual círculo de poder na fase da Frustração. Afinal, que outra dinâmica poderia ilustrar tão bem a intransigência (como expressão de capacidade limitada nas trocas simbólicas), a mitomania (como manutenção ou criação de fatos inverossímeis que sustentam uma convicção que, por sua vez, sustenta uma aparente plenitude) e as fobias (homofobia, xenofobia, racismo) ou pequenas paranoias (como defesas ativas contra aquilo que ameaça a minha ilusão de completude)? E que lástima perceber que tantas pessoas estão identificadas com esta mesma dinâmica regressiva.

É como diria aquele célebre menininho: cavalos me mordam!

Referências:

- LACAN, Jacques - O Seminário, Livro 4 - Rio de Janeiro: Zahar, 1995
 ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel - Dicionário de psicanálise - Rio de Janeiro: Zahar, 1998
 FRAGELLI, Ilana Katz Z.; PETRI, Renata. A transmissão da falta, a partir da leitura do seminário IV de Lacan. Estilos clin. , São Paulo , v. 9, n. 17, p. 118-127, dez. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000200009&ln_g=pt&nrm=iso>. acessos em 04 dez. 2019.